

## I.

COMO FOI QUE O MESTRE CEREJA, CARPINTEIRO,  
ACHOU UM PEDAÇO DE MADEIRA QUE CHORAVA E RIA  
COMO UMA CRIANÇA.

Era uma vez...

«Um rei!», dirão imediatamente os meus pequenos leitores.

Não, meninos, estão enganados. Era uma vez um pedaço de madeira.

Não era nenhuma madeira de luxo mas um simples bocado de lenha, daqueles que no inverno se põem nos fogões e nas lazeiras para acender o lume e para aquecer as casas.

Não sei como é que ele conseguia andar, mas o que é certo é que um belo dia esse pedaço de madeira apareceu na oficina de um velho carpinteiro que se chamava mestre António, mas a quem toda a gente chamava mestre Cereja por causa da ponta do seu nariz, que estava sempre brilhante e vermelha como uma cereja madura.

Assim que o mestre Cereja viu aquele pedaço de madeira ficou todo contente e, esfregando as mãos de satisfação, murmurou em voz baixa:

«Este pau apareceu na hora certa; vou usá-lo para fazer uma perna para uma mesinha.»

Dito e feito. Pegou logo num machado afiado para começar a arrancar-lhe a casca e a desbastá-lo; mas quando estava mes-

mo para lhe dar a primeira machadada, ficou com o braço suspenso no ar, porque ouviu uma vozinha muito fina que disse, em tom de súplica:

«Não me batas com muita força!»

Imaginem como ficou o bom do velho mestre Cereja.

Olhou em volta com os olhos espantados, para ver de onde é que podia ter saído aquela vozinha, mas não viu ninguém; espreitou dentro de um armário que estava sempre fechado, e nada; viu no cesto das aparas e da serradura, e nada; abriu a porta da oficina para dar também uma olhadela à rua, e nada. Ora esta!...

«Já percebi», disse então a rir e coçando o chinó. «Está-se mesmo a ver que aquela vozinha fui eu que a imaginei. Voltemos ao trabalho.»

E, pegando outra vez no machado, deu um golpe em cheio no pedaço de madeira.

«Ai, fizeste-me mal!», gritou a mesma vozinha, queixando-se.

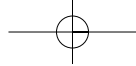
Desta vez, o mestre Cereja ficou estupefacto, com os olhos arregalados de medo, a boca escancarada e a língua pendurada até ao queixo, como a carranca de uma fonte.

Assim que recuperou a fala começou a dizer, tremendo e gaguejando por causa do susto:

«Mas de onde terá saído esta vozinha que disse “ai”?... O que é certo é que aqui não há vivalma. Será por acaso este pedaço de madeira, que aprendeu a chorar e a queixar-se como uma criança? Não posso crer nisso. Este pau está-se a ver o que é: é um bocado de lenha para a lareira igual a todos os outros; e se o atirmos para o lume, temos com que cozer uma panela de feijões. Espera aí!... E se alguém se escondeu dentro dele? Se estiver aqui alguém escondido, tanto pior para ele. Eu já o meto na ordem!»

E dizendo isto, agarrou aquele pobre pedaço de madeira com as duas mãos e pôs-se a bater com ele nas paredes da oficina, sem piedade.

Depois pôs-se à escuta, para ver se ouvia alguma vozinha a queixar-se. Esperou dois minutos, e nada; cinco minutos, e nada; dez minutos, e nada.



«Já percebi», disse então, fazendo um esforço para rir e des-penteando o chinó. «Está-se mesmo a ver que aquela vizinha que disse “ai” foi imaginada por mim. Voltemos ao trabalho!»

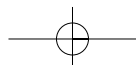
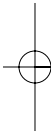
E, como se sentia cheio de medo, experimentou cantarolar para ganhar um pouco de coragem.

Entretanto, pondo de lado o machado, pegou na plaina para alisar e polir o bocado de madeira; mas, enquanto o alisava com a plaina para baixo e para cima, ouviu a mesma vizinha que lhe disse a rir:

«Para com isso! Estás a fazer-me cócegas no corpo!»

Desta vez, o pobre do mestre Cereja caiu como que fulmi-nado. Quando reabriu os olhos, encontrou-se sentado no chão.

O seu rosto parecia desfigurado, e até a ponta do nariz, em vez de vermelha como estava quase sempre, se tornara azul-turquesa com o medo.



## II.

O MESTRE CEREJA OFERECE O PEDAÇO DE MADEIRA  
AO SEU AMIGO GEPETO, QUE O LEVA PARA FAZER UM  
BONECO MARAVILHOSO QUE SAIBA DANÇAR,  
FAZER ESGRIMA E DAR SALTOS MORTAIS.

Naquele instante bateram à porta.

«Entre», disse o carpinteiro, sem ter forças para se pôr de novo em pé.

Então, entrou na oficina um velhote todo gaiteiro que se chamava Gepeto; mas os rapazes das vizinhanças, quando queriam fazê-lo enfurecer, tratavam-no pela alcunha de Papinhas-de-Milho, por causa da sua peruca amarela que se assemelhava muito às papas de farinha de milho.

Gepeto era muito irritadiço. Ai de quem lhe chamasse Papinhas-de-Milho! Ficava logo furioso, e não havia maneira de o acalmar.

«Bom dia, mestre António», disse Gepeto. «O que faz você aí no chão?»

«Estou a ensinar as formigas a contar.»

«Bom proveito lhe faça.»

«Quem o trouxe até à minha oficina, compadre Gepeto?»

«As pernas!... Saiba, mestre António, que vim até cá para lhe pedir um favor.»

«Aqui me tem pronto a servi-lo», respondeu o carpinteiro, pondo-se de joelhos para se levantar.

«Esta manhã veio-me uma ideia à cabeça.»

«Vamos lá a ouvi-la.»

«Pensei em construir um belo boneco de madeira; mas um boneco maravilhoso, que saiba dançar, fazer esgrima e dar saltos mortais. Quero correr mundo com esse boneco, para granjear um naco de pão e um copo de vinho. O que lhe parece?»

«Bravo, Papinhas-de-Milho!», gritou a vizinha do costume, que não se percebia de onde saía.

Quando ouviu que lhe chamavam Papinhas-de-Milho, o compadre Gepeto, com a raiva, fez-se vermelho como um pimentão e, voltando-se para o carpinteiro, disse-lhe, furioso:

«Porque é que me ofende?»

«Quem é que o ofendeu?»

«Chamou-me Papinhas-de-Milho.»

«Não fui eu.»

«Querem ver que fui eu? Estou-lhe a dizer que foi você.»

«Não!»

«Sim!»

«Não!»

«Sim!»

Cada vez mais excitados, passaram das palavras aos atos e, agarrando-se pelos cabelos, arranharam-se, morderam-se e amachucaram-se.

Quando a luta acabou, o mestre António tinha nas mãos a peruca amarela de Gepeto, e Gepeto reparou que tinha na boca a peruca grisalha do carpinteiro.

«Dá cá a minha peruca!», gritou o mestre António.

«E tu dá-me a minha, e façamos as pazes.»

Os dois velhotes, depois de terem posto cada um o seu chinó, deram um aperto de mão e juraram ficar bons amigos para toda a vida.

«Pois bem, compadre Gepeto», disse o carpinteiro, em sinal de que as pazes estavam feitas, «qual é o favor que deseja de mim?»

«Queria um bocado de madeira para construir o meu boneco. Dá-mo?»

O mestre António, todo contente, foi logo buscar ao banco de carpinteiro aquele pedaço de madeira que o tinha feito apa-